Ano XI — Lisboa, Maio de 1955 — N.º 121

SEMPRE PRONTO

MENSÁRIO ESCOTISTA

NÚMERO AVULSO 1$50

Assinaturas { De 12 números 18$00 / De 6 números 9$00

Director e Editor
Eduardo Ribeiro

Administrador
Capitolino Ferreira Macedo

Redactor principal
Joel Ribeiro

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:
Trav. de Vitorino de Freitas, 9
AJUDA — LISBOA
TELEFONES:
Red. 636607 — Admin. 638849

COMP. E IMP. OTTOSGRÁFICA, LTD. / C. BARÃO, 50 ● PROPRIEDADE DO CÍRCULO FRATERNAL DE COOPERAÇÃO ESCOTISTA (EM ORGANIZAÇÃO)

A BOA ACÇÃO

Seu objectivo e significado



Se dificilmente se poderão dizer ou escrever coisas novas acerca do Escotismo, seus métodos e doutrinas, parece-nos da maior conveniência fazer, de quando em quando, um regresso às origens, a Baden-Powell, procurando corrigir desvios, refrescar ideias, buscar orientação para novos avanços que só poderão ser úteis e vantajosos na medida em que se inspirarem nas ideias-mestras que impulsionaram o Movimento.

Falar na Boa Acção é, afinal, falar no próprio espírito do Escotismo. Sem Boa Acção não há Escotismo, pelo menos Escotismo que mereça este nome. A Boa-Acção é a síntese do Escotismo, constitui o perfume que o torna agradável e simpático ao público. É esse mesmo espírito que leva o Caminheiro a continuar no Movimento para servir nas fileiras como chefe de grupo, no desejo de praticar a B.-A. de colocar as suas aptidões ao serviço do Rapaz, dedicando-lhe as horas livres, dando-lhe a sua amizade, num esforço generoso de o auxiliar a conquistar experiência para a Vida.

É imprescindível que o Dirigente nunca perca de vista que toda a técnica, toda a doutrina, toda a actividade escoteira tem sempre como principal e grande objectivo ajudar o Rapaz a ganhar treino para a Vida e é tão importante este princípio que ainda recentemente uma das mais brilhantes figuras do Escotismo Mundial, o General Spry, actual Director da Repartição Internacional, em artigo largamente divulgado pela nossa imprensa, recomendava a todos os dirigentes que «*em todas as mil e uma actividades por nós determinadas, recordássemos sempre que estamos neste grande Movimento ùnicamente com o propósito de ajudar os rapazes a atingir a classe de Homens que, como B.-P. dizia, vivam de maneira sã num mundo insensato.*»

O objectivo da Boa Acção

Ao tratarmos da Boa Acção mais do que nunca precisamos de ter em vista este princípio, porque muitas vezes somos tentados a pensar que o fim do Escotismo é fazer beneficência, prestar socorros ou servir de agentes de utilidade pública. O próprio Baden-Powell previu esse erro de interpretação e declarou: «*O Escotismo não é uma obra de beneficência dirigida por pessoas de sociedade a favor de crianças pobres nem uma agência de pequenos mensageiros para comodidade do público.*» Portanto, do ponto de vista do Chefe, a Boa Acção não visa finalidades beneficentes ou altruístas, mas sim a educação e o treino do Rapaz, procurando que o acto sirva para criar o sentido do dever para com o semelhante, a sua responsabilidade social para com os problemas que o rodeiam, o seu espírito cívico e até a sua devoção pela Pátria. Esclareçamos, contudo, que este é o ponto de vista do Chefe, nunca do Rapaz. O Rapaz deve agir no convencimento de que está sendo útil, generoso, caridoso, abnegado, sentindo todo o prazer e satisfação pelo dever cumprido.

Que a Boa Acção sirva para que o Rapaz obtenha experiência, adquira treino, desenvolva ao máximo as suas aptidões. Como sabemos

(Continua na 2.ª página)

A visita a Portugal do Presidente da República Brasileira

Quando dois países encontram nas suas relações sempre novos motivos de mútua compreensão e de fraternidade, têm alcançado, sem dúvida, uma posição ímpar no mundo conturbado pela desconfiança e pelo ódio e dividido por barreiras intransponíveis.

Portugal e Brasil podem orgulhar-se de assumir esse papel privilegiado no concerto das nações. A amizade e o entendimento entre as duas Pátrias Irmãs recebem, dia após dia, nova confirmação em provas esplêndidas de fraternidade e de comunhão espiritual. Ontem, foi uma dezena de rapazes carinhosamente recebida pelo povo das duas maiores cidades brasileiras; hoje, é o Chefe dessa grande Nação aclamado calorosamente tanto em Lisboa, Porto, Guimarães como em Coimbra, numa espontânea manifestação de simpatia.

A visita do Dr. Café Filho foi, para o Povo Português, um acontecimento que o fez vibrar de entusiasmo e comoção. É que o Brasil é para nós, Portugueses, mais do que um povo que fala a mesma língua; é algo que faz desabrochar, em toda a intensidade, o nosso orgulho; é algo por que sentimos uma identificação perfeita de sentimentos e de ideais.

O «Sempre Pronto», nesta hora feliz em que as duas Pátrias lusíadas tiveram ensejo de exprimir toda a beleza da sua amizade e entendimento, apresenta ao ilustre Visitante, Chefe do glorioso País onde o escotismo conta tão estrénuos e valorosos servidores, a expressão sincera da sua homenagem, desejando que destes empreendimentos resulte uma ainda maior aproximação entre os dois Povos, para que ela possa inspirar ao mundo os princípios da verdadeira comunhão internacional.

A BOA ACÇÃO

Seu objectivo e significado

(*Continuação da 1.ª página*)

a aptidão é o dom que cada indivíduo possui de desempenhar uma missão, realizar uma tarefa, resolver um problema, aprender uma arte ou uma ciência. Todos os rapazes possuem, em maior ou menor grau, aptidões latentes, de uma ou de outra espécie. A grande tarefa do Escotismo consiste em descobrir e revelar essas aptidões particulares, procurando que através do treino elas se desenvolvam e se transformem em capacidades e os tornem aptos para assumir responsabilidades na Vida. Se o carácter é também, de certa maneira, uma aptidão, a síntese de aptidões que constituem a personalidade, ao Escotismo muito interessa o seu desenvolvimento.

Ao projectar as Boas Acções Colectivas o Chefe procurará, portanto, que elas se tornem uma coisa natural, um hábito na vida de cada Rapaz, que o espírito de serviço se torne uma característica predominante da sua personalidade, considerando como coisas subsidiárias e secundárias todos os outros objectivos que porventura possam estar em jogo e que, certamente, constituirão os centros de interesse para o Escoteiro.

Resumiremos que *a Boa Acção Colectiva visa essencialmente o desenvolvimento da personalidade do Rapaz pelo treino das suas aptidões, procurando criar o hábito e o prazer de ser útil.*

O espírito da Boa Acção

Não perdendo de vista que a nossa finalidade é o próprio Rapaz, é necessário rodear toda a actividade escoteira do espírito de aventura e de simbolismo tão agradável à mentalidade dos novos. Baden-Powell, que tão bem soube compreender o Rapaz, teve o cuidado de revestir toda a actividade escotista de um realismo são que atrai o adolescente. Para dar sentido à Boa Acção, B.-P. adaptou ao Escotismo as regras da antiga cavalaria. É ele mesmo que, no inspirador livro «Escotismo para Rapazes», descreve para os Escoteiros a vida e obra dos Cavaleiros Andantes e acrescenta: «*Vós, os Guias de Patrulha e os Escoteiros, sois, portanto, muito parecidos aos Cavaleiros e seus seguidores, especialmente se conservais sempre a honra ante os vossos olhos e fazeis quanto podeis para ajudar os outros quando se encontram em apuros ou solicitam a vossa ajuda. A vossa divisa é «Sempre Prontos» e a divisa dos cavaleiros era parecida: «Estai sempre prontos».*

Para melhor atingir este objectivo B.-P. escolheu como patrono dos Escoteiros o cavaleiro S. Jorge, patrono da antiga cavalaria, e colocou como ilustração da vida do escoteiro a lenda de S. Jorge, sugerindo aos escoteiros o prosseguimento da luta contra o Dragão do Mal, luta bravamente iniciada pelo santo-cavaleiro.

A Lei do Escoteiro constitui para os Escoteiros o mesmo que o Código dos Cavaleiros e é muito importante que o Escoteiro-Chefe procure imprimir na vida do seu Grupo, em todas as actividades, este espírito da Cavalaria, da responsabilidade pela defesa dos fracos, das senhoras, dos velhos, a preocupação de «correr mundo» em busca do Mal para lhe dar combate, para destruir o «Dragão», para que a Virtude seja salva.

Não é difícil criar entre os escoteiros este idealismo. Claro que, quando falamos em escoteiros, estamo-nos referindo a adolescentes. O Escotismo é para esses e só para esses. As considerações que estamos fazendo entendem-se para Escoteiros que nos habituámos a conhecer por Juniores e cuja organização, para ser eficiente, deve estar separada da organização dos Caminheiros (Seniores).

O adolescente busca um herói para padrão da sua actividade. A figura de S. Jorge pode constituir esse «herói», mas na Antiga Cavalaria nós poderemos encontrar figuras cujos actos de nobreza e generosidade podem e devem inspirar os nossos Escoteiros.

Resumiremos que *o espírito da Boa Acção é o espírito da Antiga Cavalaria, inspirando ao Escoteiro uma vida de desinteresse, bondade, generosidade, cortesia, companheirismo, numa palavra «cavalheirismo».*

(*Continua*)

Foi inaugurado o Grupo 41 — Gaia

No dia 23 de Abril passado, com a presença do Delegado Regional do Norte dos Escoteiros de Portugal e dos grupos de escoteiros daquela Região, dirigentes e muito público, foi inaugurado o Grupo n.º 41, anexo à Igreja Lusitana do Salvador do Mundo, Prado. Esperamos poder dar no próximo número uma notícia mais desenvolvida deste acontecimento do Escotismo no Norte.

Excursão a Paris

15 a 26 de Setembro de 1955

Não tendo conseguido o número de inscrições suficientes para realizar a excursão a Paris de autocarro, foi resolvido procurar efectuá-la em comboio. Se, por este facto, se não visitam tantas terras, há por outro lado vantagens bastante dignas de consideração. Assim, a viagem de comboio será menos fatigante e mais económica, visto que a despesa durante a viagem a cargo do excursionista será apenas das refeições durante dois dias.

Será utilizado o serviço de comboios de 3.ª classe, carruagens estofadas, que a C. P. mantém entre Lisboa e Hendaia, mudando depois para comboio francês, também de muito boas carruagens da composição do sul-expresso.

A ligação entre a estação de Austerlitz e a Casa dos Alunos da Escola Central será feita de autocarro.

Em Paris, que é afinal o alvo da nossa excursão, o programa não sofrerá qualquer alteração, sendo efectuadas as seguintes visitas:

Domingo, dia 18, de tarde — Visita geral a Paris de Autocarro: Basílica do Sagrado Coração, Praça do Teatro, Madalena, Ópera, Praça Vendôme, Rua Rivoli, Concórdia, Campos Elísios, Arco do Triunfo, Palácio «Chaillot», Inválidos (Túmulo de Napoleão).

Dia 19 — De manhã: visita ao Museu do Louvre sob a direcção dum conferencista.
De tarde: subida à Torre Eiffel. Passeio de barco no Sena.

Dia 20 — Dia livre e à noite espectáculo na Comédia Francesa.

Dia 21 — Visita a Versailhes, palácios e jardins. Almoço num restaurante local.

Dia 22 — Manhã livre. Visita à Ilha da Cidade, à Santa Capela, à Igreja «Notre Dame», etc., etc.

Dia 23 — Visita a um Museu.
De tarde, visita ao Jardim Zoológico de Vincennes.

Dia 24 (Sábado) — Partida às 8 horas da manhã em autocarro até à estação de Austerlitz.

Todas estas vantagens estão incluídas no preço de Esc.: 2.000$00, ficando, portanto, a cargo do excursionista as despesas de passaporte e as refeições sòmente no comboio.

A inscrição para esta excursão encerrará definitivamente em 20 de Maio corrente, mediante o pagamento inicial de 400$00.

Vá à Feira do Livro!

Procure na Barraca n.º 12 (Edições Cosmos) a nossa edição:

Cinema, Desporto e Educação

do Professor António Alvaro Dória

Um problema da hora presente estudado com clarividência



Grupo n.º 60—Vila Real de Santo António

Em 4 de Abril passado, este grupo celebrou, numa pequena festa íntima, a passagem do seu 30.º aniversário. Foram entregues insígnias e estrelas de serviço a escoteiros e o Troféu "Grupo n.º 60„ à Patrulha "Águia„ que o conquistou em concurso no primeiro trimestre deste ano. O Chefe do Grupo, sr. José Manuel Pereira, referiu-se à vida do "60„ nas suas diferentes fases de maior actividade.

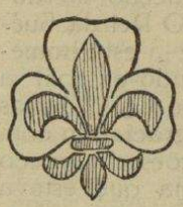
As comemorações oficiais serão celebradas em Junho próximo, ao mesmo tempo que se realizará naquela Vila um Acampamento Regional, estando prevista a inauguração de uma exposição de trabalhos manuais e a exibição de teatro amador escotista.

● Em 17 do mês passado, acamparam junto à mata local, as três patrulhas do «60» tendo realizado um trabalho proveitoso.

● O dia 23 de Abril, Dia de S. Jorge, foi comemorado com formatura geral e uma evocação do seu significado pelo Chefe do Grupo. Foram expostas as bases de um novo concurso destinado a galardoar anualmente, neste dia, as boas acções que mereçam essa distinção.

ANTIGOS ESCOTEIROS

Assembleia Geral e Acampamento de Amizade



O primeiro Acampamento Internacional de Amizade será realizado na Dinamarca, em «Bygholm», Horsens, Jutlandia, de 1 a 5 de Agosto próximo. A segunda Assembleia Geral dos Antigos Escoteiros será efectuada no mesmo local em 4 de Agosto.

As Guias de S. Jorge, Dinamarca, vão enviar convites oficiais a todas as Associações de Antigos Escoteiros e Antigas Guias e espera que o primeiro acampamento mundial tenha uma larga participação de Escoteiros e Guias (escoteiras) adultos. No próximo número daremos mais informes sobre estas actividades.

Cartão de Identidade e Insígnia de Amizade Internacional

Está sendo impressa, e vão ser remetidos espécimes a todas as organizações de países membros, um cartão de identidade. Os cartões podem ser requisitados ao Coronel Wilson, membro da repartição internacional, ao preço de 4 dinheiros cada. No caso deste cartão ter larga difusão, como se espera, o seu preço poderá vir a baixar.

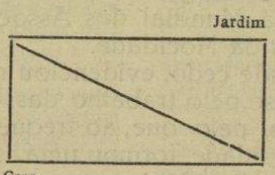
A insígnia aprovada é aquela que encima esta coluna e consta da flor de lis e folha de trevo, emblemas do escotismo masculino e feminino, sobrepostas. Será de metal, a flor de lis escoteira vermelha e a folha de trevo guia branca.

O seu preço será provàvelmente de 3 coroas dinamarquesas e as encomendas devem ser feitas a Sct. Georgs Gilderne i Danmark, Skindergade 27, Kobenhavn, Dinamarca.

UM PROBLEMA DIFÍCIL

O Carlos ficou sèriamente atrapalhado com o problema que o João lhe apresentou no número passado e o caso é que na patrulha «Veado» não se falava de outra coisa. E o certo é que se não encontrava solução para o problema se os escoteiros José Domingos Barão, do Grupo 77 de Faro, e Baldomiro Nunes Duarte Soares, do Grupo 6, de Olhão, não vêm em socorro do Carlos. Foram eles os únicos que acertaram com a solução.

E, afinal, o problema era bem simples. Não se exigia que a casa fosse rectangular. Era apenas necessário que tivesse 60 m. de frente e 30 m. de lado. Para isso bastava construir a casa em forma de triângulo, cortando o terreno em diagonal. O outro triângulo, exactamente igual, será o jardim.



Eng.º Jorge Pereira Jardim

Vindo da Beira, via Goa, de avião, chegou a Lisboa em fins de Março passado, e tem estado entre nós, este nosso estimado amigo, ex-presidente dos Escoteiros de Portugal e um dos bons amigos do "Sempre Pronto„.

Saudamo-lo com amizade, desejando-lhe uma excelente viagem de regresso até junto dos seus.

Inauguração da Secção «Pedro Álvares Cabral» do Grupo N.º 94

No Domingo, dia 1 de Maio corrente, com grande solenidade, foi inaugurada na Igreja Evangélica da Rua Febo Moniz, em Lisboa, esta secção do Grupo N.º 94. Ao acto assistiram deputações dos grupos n.os 10, 53, 94 e Grupo de Guias "Rainha D. Leonor„ que, num total de cerca de 70 escoteiros e guias, desfilaram desde o Jardim Constantino até aquela Igreja.

Fizeram promessa 10 novos escoteiros, tendo-lhes dedicado um eloquente sermão o Rev. Dr. M. Conceição Jr. No próximo número daremos mais pormenores deste interessante acontecimento escotista.

Exposição da Imprensa Escoteira Mundial

Na sede do Grupo n.º 94, na Ajuda, foi apresentada nos dias 23 a 26 de Abril passado, a Exposição da Imprensa Escoteira Mundial, a fim de atender pedidos de alguns amigos que não puderam visitar esta Exposição no Ateneu Comercial de Lisboa em Janeiro passado.

Os Caminheiros deste Grupo esmeraram-se na apresentação dos diversos exemplares das revistas e jornais escoteiros, pelo que a Exposição mereceu as melhores referências dos visitantes.

O X aniversário do 'Sempre Pronto'

O nosso colega «Portugal Novo», órgão da Juventude Evangélica Portuguesa, teve a gentileza de se referir, no seu número de Março, ao 10.º aniversário do «Sempre Pronto» com palavras amigas de saudação, que muito agradecemos, formulando iguais votos para aquele mensário,

JAMBORI "NOVOS HORIZONTES"

Os Escoteiros do Canadá preparam-se activamente para receber a visita dos seus irmãos do mundo inteiro e organizam com o maior cuidado o próximo Jambori Mundial a efectuar em Agosto próximo. As autoridades cooperam em tudo o que delas depende para assegurar o maior brilhantismo a este grande acontecimento e, assim, segundo nos informa a Legação do Canadá em Lisboa, foram concedidas especiais facilidades de visto aos escoteiros que desejem participar no Jambori. As autoridades da emigração do Canadá e dos Estados Unidos concordaram em aceitar os cartões de identidade emitidos pela Boy Scouts Association of Canada, como documento válido para viagem através daqueles dois países, desde que nos mesmos figure a garantia de readmissão do portador do seu país de origem. Não será requerido nenhum visto se o escoteiro estiver na posse do referido cartão de identidade.

Todavia, se alguma Associação de Escoteiros local ou autoridade do respectivo país recusar a aposição da garantia acima indicada, serão necessários os vistos nos passaportes nos termos usuais e sujeitos ao respectivo pagamento.

As associações nacionais solicitarão os referidos cartões à Associação do Canadá.

A Inglaterra prepara-se activamente para participar no «Jambori». Foram criteriosamente seleccionados 1.000 escoteiros. As viagens serão pagas pelos escoteiros e pela Associação que cobrirá a parte das despesas que não estiverem ao alcance da bolsa dos rapazes.

O III aniversário do Grupo n.º 10

Este Grupo elaborou um largo programa de comemorações para festejar a passagem de seu aniversário. No dia 15, à tarde, realizará uma sessão solene que servirá para inaugurar a sua Alcateia de Lobitos. No dia 17, uma reunião dedicada aos pais dos escoteiros. No dia 21, à noite, uma festa de arte no salão da Juventude Evangélica Portuguesa, na Avenida D. Carlos, 53-2.º.

No dia 8, de manhã, na Igreja a que este grupo é anexo na Rua de S. Bento, efectuar-se-á um serviço religioso de acção de graças pelos aniversários deste Grupo e do Grupo de Guias «Rainha D. Leonor».

Será também realizado um acampamento, para o qual o Grupo 10 vai enviar convites a alguns Grupos de escoteiros, que mais de perto com ele têm colaborado.

O «Sempre Pronto» na Áustria

O nosso bom amigo, Eng.º Frederico Keindl, que no Jambori da Áustria foi de uma simpatia inexcedível para com os Portugueses, endereça-nos de Molzastein um bonito postal ilustrado que em correcta língua portuguesa diz:

Meus bons amigos:

Encontro-me assentado numa altura de mais de 2.000 m. numa rocha cercada de neve eterna e estou lendo o «Sempre Pronto», pensando intimamente nos meus amigos. E hoje já tenho feito o meu dever escoteiro, ajudando uma senhora que caiu fazendo esqui; penso e faço votos que não seja alguma coisa de grave. Mas tenho um sentimento de profunda satisfação de haver ajudado a quem o precisava! Ainda vou terminar por ser escoteiro!

Sempre vosso

a) Frederico Kreindl

Agradecemos tão gentil saudação que retribuímos com amizade.



A voz do Chefe

Maneira de prosperar

Há muitos anos os Estados Unidos andavam em guerra na ilha de Cuba.

O presidente americano McKinley queria enviar uma carta a García chefe dos Cubanos, mas não sabia como havia de fazer-lhe chegar às mãos, visto que os rebeldes lutavam com os americanos em região agreste e difícil.

Falando no caso aos seus conselheiros, alguém disse: «Conheço um jovem chamado Rowan que me parece capaz de fazer tudo o que se lhe peça. Porque o não o encarregais do caso?»

Mandaram então chamar Rowan e quando ele entrou o presidente explicou-lhe por que razão o mandara chamar e entregou-lhe a carta e disse: «E agora que me leves essa carta a García».

Rowan apenas sorriu e pegou na carta. Saiu da sala e partiu.

Passadas semanas, Rowan apresentou-se outra vez ao presidente e disse-lhe: «Entreguei a carta a García, meu senhor». McKinley quis saber como o conseguira.

Apurou-se que Rowan tomara um barco e desembarcara na costa de Cuba e se internara na selva. Ao cabo de três semanas voltou a aparecer do outro lado da ilha depois de ter passado por entre o inimigo e encontrado García a quem entregara a carta.

Rowan era verdadeiro explorador. O escoteiro deve proceder como ele ao cumprir uma ordem que lhe dão. Por mais difícil que pareça, deve procurar cumpri-la com um sorriso. Quanto mais difícil for, mais interessante será executá-la.

A maior parte dos homens teria feito um sem-número de perguntas: por onde havia de começar, como poderiam chegar ao local, onde conseguiriam mantimentos e outras semelhantes. Mas Rowan nada disso fez. Apenas soube o que dele queriam e fez o resto sem uma palavra, dando um pontapé na sílaba *im* da palavra impossível. Todo aquele que proceder assim triunfará com certeza.

Há muitos escoteiros que fazem serviço especial de mensageiros. Estes rapazes, porque os incumbem frequentemente de serviços delicados na convicção de que os executarão devidamente, aceitam-nos confiadamente, e, sem fazerem um rol de perguntas tolas, partem a executá-los de forma prática.

É assim que se lida com as dificuldades da vida. Se vos surgir uma tarefa que parece exceder as vossas forças não recuseis. Sorri, procurai meio de fazer com êxito e actuai depois.

Lembrai-vos de que uma dificuldade deixa de o ser quando nos rimos dela e a enfrentamos.

Não tenhais medo de errar. Napoleão disse: «Quem nunca errou nada fez».

BADEN-POWELL

(Escotismo para Rapazes)

Morreu o Dr. John Mott

grande impulsionador dos Movimentos de Juventude e Prémio Nobel da Paz

Faleceu um dos mais activos e empreendedores dirigentes de um dos movimentos que, em todo o mundo, muito têm trabalhado por uma mocidade forte e vigorosa, tanto fisicamente como espiritual e moralmente. Trata-se do Dr. John R. Mott que ocupou, durante largos anos, o cargo de presidente da Aliança Mundial das Associações Cristãs da Mocidade.

Desde cedo, evidenciou grande interesse pelo trabalho das Uniões Cristãs, pelo que, ao frequentar a Universidade, formou uma associação de estudantes que, entre outros trabalhos, se dedicava a levar conforto espiritual e moral aos presos da cadeia local.

Toda a sua formação revelou uma tendência deliberada em preparar-se para enfrentar as filosofias e profundar os seus conhecimentos no campo das ciências a fim de estar habilitado a discutir todos os problemas e encontrar todas as soluções desejadas.

A sua primeira viagem ao Velho Mundo fê-la em 1891, apenas com 26 anos de idade, e logo entrou em contacto com elementos interessados nas Associações Cristãs da Mocidade de diversos países da Europa. Três anos mais tarde, voltou novamente à Suécia e aí conseguiu realizar o velho sonho de interessar numa campanha em que à mocidade fosse apresentada a personalidade universal de Cristo, as entidades governamentais, eclesiásticas e individualidades das próprias Universidades de vários países.

O Dr. Mott visitou o Brasil em 1906, por ocasião de um Congresso das Associações Cristãs de Moços, onde a sua forte personalidade causou uma impressão bem vincada.

Portugal também recebeu a sua visita em 1909, onde veio tomar parte no III Congresso Nacional das Uniões Cristãs da Mocidade. Tendo feito uso, por diversas vezes, da palavra, o nosso distinto visitante deu a conhecer, a todos os que tiveram ensejo de o escutar, o extraordinário brilho da sua inteligência, a firmeza de carácter e a elevação dos princípios que o norteavam.

Com o advento da Primeira Guerra Mundial, o Dr. Mott dedicou-se a uma nova e não menos interessante e útil missão: a de criar centros de auxílio aos combatentes e aos prisioneiros de guerra, que se popularizaram com o nome de «Triângulo Vermelho».

Todos os governos das nações participantes na guerra tiveram ensejo de tecer os maiores encómios à acção desenvolvida pelo Dr. Mott, não só pela sua utilidade evidente, como também pelo carácter de neutralidade que revelava. Os soldados portugueses também gozaram os benefícios deste empreendimento, com a criação do Triângulo Vermelho Português, que muitos ainda recordam com gratidão.

Em 1946, foi-lhe conferido o Prémio Nobel da Paz, como reconhecimento da sua acção meritória a favor da paz. O Rei da Suécia quis associar-se esta homenagem, galardoando-o com a medalha do príncipe Carl. Outros países também o agraciaram com diversas condecorações, em apreço da obra valiosíssima que estava levando a cabo.

O Dr. Mott demonstrou sempre o desejo intenso de que o Mundo pudesse conhecer os princípios que o poderiam nortear num caminho de paz e de amor entre todos os povos, isto é, os princípios Cristãos por que se guiara em toda a sua vida.

A sua obra literária regista os pontos de vista que sempre defendeu e enuncia princípios, ideias e meios de acção para a organização a que deu todo o seu carinho e entusiasmo — as Associações Cristãs de Mocidade.

Com 90 anos, a morte do Dr. Mott marca o fim de uma carreira vitoriosa e claramente positiva de um idealista e de um homem de Fé.

O «SEMPRE PRONTO»
E A REVISTA «ALERTA!»
VENDEM-SE NA
TABACARIA BOA-HORA
Rua Nova do Almada, 46 — LISBOA

O LIVRO DE PATRULHA

(Continuação do número anterior) — Por ANTERO NOBRE

§ 4.º

Uma anotação à margem dos §§ anteriores

Permita-se-nos, a encerrar estes ligeiros apontamentos sobre o *Livro de Patrulha*, uma anotação à margem dos mesmos, aliás indispensável à compreensão das referências anteriormente feitas à biografia do *Patrono* e à descrição do *Totem* das Patrulhas, anotação que se destina exclusivamente aos escoteiros-chefes e aqui se inclui, por a estes em especial se destinar, a presente publicação.

O Regulamento Geral da A. E. P. ainda em vigor diz que, na Divisão Júnior, a designação das Patrulhas pode fazer-se por «*nomes de animais*» ou «*nomes de vultos que prestaram notáveis serviços à Pátria ou à Humanidade*», sendo também esta última forma a única permitida, pelo mesmo Regulamento, nas Patrulhas da Divisão Sénior. Ora, nós observamos que, mesmo na Divisão Júnior, a segunda forma deve ser igualmente a única usada, sempre, pelo Movimento Escotista Português. E vamos tentar dizer, o mais resumidamente possível, o *porquê* da nossa opinião.

Com a preocupação de adaptar o método e os processos escotistas aos vários países, por toda a parte, mais ou menos, se alteram aqueles, e em Portugal, infelizmente, talvez como em nenhum outro lugar, sobretudo em determinada época da vida nacional. Mas, se alguma coisa se pode alterar no conjunto a que se chama Escotismo, tal como o apresentou o seu criador e para o adaptar a cada país, não são o seu método e os seus processos pedagógicos, que esses, sendo universais, como já noutro lugar demonstrámos, são válidos para toda a parte e, alterá-los, é por isso e sempre deturpá-los, retirando-lhes toda a sua eficiência; e sim apenas alguns dos seus meios de acção, substituindo-os por outros que se adaptem melhor aos usos, costumes e tradições locais e até à psicologia dos vários tipos de rapazes, mas sempre sem prejuízo das finalidades pedagógicas que pelo método lhes são assinaladas.

Assim, na transplantação do Escotismo, da Inglaterra para cada um dos outros países, poder-se-á e até dever-se-ão, não verdadeiramente alterar, mas simplesmente substituir pelos seus respectivos equivalentes nacionais, tudo o que — de entre aquilo a que poderemos chamar, embora sem muita propriedade, o *material pedagógico* indicado no «*Scouting for Boys*»—, sendo óptimo para a formação moral e social de um inglês, por ser caracterizada e exclusivamente britânico, não o pode ser de igual forma para um português, um francês, um brasileiro, etc., até porque estes nunca poderão compreender e menos sentir, além do mais, certos símbolos de ordem moral.

S. Jorge, por exemplo, se é *naturalmente* o Patrono nacional dos escoteiros ingleses e pode ainda ser como tal aceite pelos portugueses, visto ter sido durante séculos o Padroeiro dos nossos Exércitos e lhe andarem ligadas muitas tradições pelo menos lisboetas, não poderia ser bem compreendido pelos franceses, que por isso mesmo o substituíram pela *Pucela* (Santa Joana d'Arc), de bem maior significado nacional para eles e bem mais próxima do seu coração, embora continuem a venerar, no glorioso vencedor do *dragão* do mal, o Santo Patrono dos escoteiros de todo o Mundo; o grande Nelson, um dos heróis maiores apontados como exemplo aos escoteiros ingleses, jamais poderá ser bem compreendido e menos admirado pelos portugueses, que têm desde sempre gravadas na alma as figuras do Gama, de Albuquerque, de Cabral; a vida e aventuras dos grandes exploradores ingleses e os feitos dos homens de armas britânicos na África ou na Índia, de que andam cheias as narrativas e até as práticas escotistas, nunca poderão verdadeiramente interessar uma Juventude que traz ainda hoje nos olhos, pelos mistérios do sangue, as imagens do grande Mouzinho e desse *louco* glorioso que se chamou João Roby, e na memória pelo poder da tradição e da história, os feitos dos Almeidas, dos Castros, dos Serpas Pinto, dos Capelos, dos Ivens...

Por outro lado, o rapaz português, que se faz psicologicamente *homem* bastante mais cedo do que o inglês—e até física e moralmente, pela influência de um clima, de um meio social e de circunstâncias familiares bem diferentes—é, por isso, muitíssimo mais atraído pelas figuras dos grandes heróis *humanos* de todos os tempos do que pelos usos e costumes, qualidades e heroísmos das andorinhas, dos tigres, dos leões ou das águias, mesmo quando lhes apresentem *humanizados*: as *fábulas* sempre fizeram apenas sorrir os nossos liceais, iniciandos no latim do velho Fedro ou no grego do quase mitológico Esopo... A vida e o exemplo dos *bichos*, sobretudo dos *bichos falantes*, que fazem as delícias do adolescente inglês e de muitos outros adolescentes nórdicos, apenas podem interessar ou impressionar os portugueses durante e primeira infância e na puerícia, servindo assim, quando muito, aos nossos *cadetes* ou *lobitos*, cuja idade regulamentar vai dos 7 aos 11 anos.

Veja-se, por exemplo, para confirmar de certo modo o que aqui se diz, aquilo a que chamaremos o romanceiro popular juvenil, isto é, a colecção dos contos tradicionais para crianças: enquanto, na Inglaterra e noutros países do norte da Europa, anda cheia de narrativas em que entram as flores e os animais que pensam, falam e agem como os homens, e as fadas e os duendes, em Portugal, àparte o caso especial das moiras encantadas, são as histórias de bravura, heroísmo e galanteria que predominam. Os contos do «Chapelinho Vermelho», da «Gata Borralheira» ou «Cinderela», da «Branca de Neve», do «Gato das Botas» e quejandos, que hoje por aí se vêem com tanta frequência nas mãos dos nossos rapazes e raparigas, até esses, embora bem mais próximos das nossas tradições, não nasceram nem têm fundas raízes por cá e vieram para Portugal, quase todos, com as obras de Perrault, Andersen e outros, na bagagem das *Mademoiselles*, das *Misses* e das *Frauleinen* que educaram duas ou três gerações de *meninos ricos* portugueses...; e só, afinal, o cinema e os *quadradinhos* de Walt Disney e seus imitadores verdadeiramente os divulgaram entre nós...

Aliás, o «*The Jungle Book*», de Kipling, onde Lord Baden Powel procurou grande parte do *material pedagógico* do Escotismo, não tem correspondente na literatura portuguesa e isso, só por si, já é bastante significativo, se em verdade a literatura de um povo reflecte com mais ou menos rigor a sua alma, os seus sonhos e aspirações, os seus gostos e predilecções. E ao lado da *história* de Mowgli, o menino lobo, só podemos, com efeito, rebuscando na literatura, nas tradições e na alma portuguesa, pôr a história daqueles meninos que viveram ao colo das amas as gestas da reconquista cristã, gatinharam entre escudos e arnezes ou no convés das naus da *Grande Aventura Lusíada*, aprenderam a falar com os homens de armas e os mareantes e a amar a Deus e o próximo, a ser generosos e valentes, com os cruzados e os missionários, com os trovadores e menestréis que falavam do Rei Artur e de Palmeirim e com os velhos aios que faziam da lenda do *Encoberto* o meio de incutirem e conservarem nas almas jovens o sentido heróico do Portugal livre; e depois, como Nun'Álvares e D. João, se armaram a si próprios cavaleiros, aos 9 e 12 anos de idade, para o serviço de Deus, da Pátria, das damas, dos pobres, dos fracos e de todos os desprotegidos da sorte... Ou então, a história daqueles outros meninos que, ao lado de seus pais, correram as aventuras tormentosas da «*História Trágico-Marítima*» ou viverem os heroísmos anónimos dos *funantes* zambezianos ou dos *bandeirantes* brasílicos...

Não foi, porém, apenas a meditação ou o estudo teórico que nos levou a pensar assim; uma prática de bastantes anos a lidar com rapazes das mais variadas proveniências, utilizando o *Sistema de Patrulhas* tão puro quanto possível (até fora do Movimento Escotista o experimentámos já e com igual êxito...), aliada à observação constante e atenta das reacções psicológicas e morais dos nossos cinco filhos, demonstrou-nos sobejamente a exactidão daquelas conclusões. E não nos venham alegar que, em contradição com elas, há mais de quarenta anos que em Portugal as Patrulhas Juniores têm *totens* e se designam pelos nomes de animais, sem qualquer inconveniente e com boa aceitação dos rapazes; porque a isso responderemos que, no Escotismo, como em todas as obras de educação, não é a sua duração que significa alguma coisa, mas os seus resultados; que os resultados que valem, não são os *imediatos* e sim apenas os *mediatos*; e que, afinal, o Escotismo Português, ao cabo de mais de quarenta anos de actividade, é ainda o que se vê e a sua influência na vida portuguesa é ainda a que se sabe... Ora, não estará precisamente, e sem que se tenha dado por isso, no facto em questão, uma das muitas causas possíveis dos fraquíssimos resultados *mediatos* da acção do Movimento em quase meio século de vida? Não estará no mesmo facto uma das causas primeiras, embora dela ainda se não tenham muitos apercebido, das *fugas* dos juniores mais velhos e dos seniores, com que luta o Movimento, e das alegações por eles não poucas vezes dadas de que as práticas escotistas são *infantis* e não lhes interessam?

Utilizar, assim, os resultados ou a lição da experiência, quando ela, afinal, nos leva a substituir tão sòmente o que poderemos chamar, como dissemos, *o material pedagógico* — equivalente, de certo modo, no plano da educação moral, aos papéis e cartões de Froebel e aos cubos de Decroly no plano da educação sensorial —, não é alterar, adaptar e muito menos deturpar o método e os processos escotistas; alterá-los ou deturpá-los seria, neste caso, por exemplo, não atribuir *patronos* ou não dar *totens* às Patrulhas ou escolher para o efeito pessoas ou animais que, pelas suas características, não representassem perfeita e cabalmente o ideal moral que se pretende inculcar nos rapazes pela educação escotista. Ou ainda, e talvez principalmente, se, mesmo representando esse ideal, tais *patronos* e *totens* não tivessem sobre os rapazes o poder de provocar a sua admiração e o seu desejo ardente e dinâmico de imitá-los; porque é nisto que está, afinal, o grande segredo ou a ideia genial do método escotista, como um dia demonstrou Pierre Bouvet, e não em designar as patrulhas exclusivamente por animais como fazem os ingleses, só porque Lorde Baden-Powell disse também no seu «*Scouting for Boys*», embora pouca gente disso se lembre ou talvez por na generalidade se sentirem incapazes de ir mais além de copiar, — que tudo o que naquele livro indica como *meios de acção* constitui apenas *exemplo* do muito que, para se alcançar a finalidade educativa do Movimento os próprios escoteiros-chefes podem inventar... E este *inventar*, se impõe fidelidade como método, é evidente que não pode representar apego intransigente aos meios de acção indicados pelo seu criador...

Impor como *modelo* e *exemplo* — que outra coisa não são os *patronos* e os *totens* no Escotismo — andorinhas, leões ou águias a

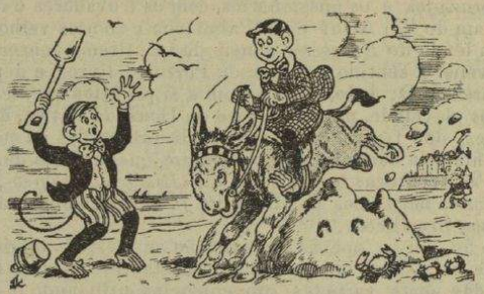
(Conclui na 6.ª página)

AVENTURAS DE FIFI

II



Como as aventuras com o cavalo não deram bom resultado, Fifi agora conseguiu arranjar um burrinho para se divertir. Tinha chovido muito e as ruas encontravam-se num completo lodaçal e cheias de poças de água. Fifi inventou logo a maneira de o jerico não se enterrar na lama. "Excelente ideia!„ pensa o Fifi. Mas... os outros? serão da mesma opinião?



Fifi cedeu por algum tempo o burro ao seu primo e foi para a praia fazer um grande castelo na areia. Mas eis que aparece o primo no burrinho e estraga tudo. Que desilusão!



Mas Fifi não se deixa abater por qualquer contrariedade. Agora está todo satisfeito a tocar concertina e tão bem que até a burricada se ri e os caranguejos ensaiam uma dança. O pior é se eles descobrem os pés do músico. Safa!



E a brincadeira acaba sempre mal. O jerico foi maroto, não há dúvida. Mas a queda, felizmente, não teve más consequências.

O «Sempre Pronto» tem o prazer de publicar as «Aventuras do Fifi», graças à gentileza da Sr.ª D. Diamantina E. da Conceição que amàvelmente pôs as gravuras à nossa disposição.

FARINHA 33

(AÇUCARADA)

A melhor, a mais antiga e a que oferece os melhores e mais interessantes brindes

18 ANOS DE SUCESSO SEMPRE CRESCENTE

atestam a sua superioridade. Conhecida e afamada em todo o País

VENDE-SE EM TODA A PARTE

DEPOSITÁRIOS GERAIS:

A MORENINHA, LIMITADA

Praça da Figueira, 11-C/LISBOA/Telef. 21997/Teleg. Farinhamimo

O LIVRO DE PATRULHA

(*Continuação da 5.ª página*)

quem não sente, nem pode sentir, por esses *bichos*, a admiração que leva irresistìvelmente a imitá-los e segui-los,—isso, sim, é verdadeiramente deturpar o método escotista! E quem o não compreender, não terá compreendido, em boa verdade, o método e terá vivido preso apenas ao que poderemos chamar as *características externas* do Escotismo inglês!

Porque sempre temos pugnado pela pureza do método escotista na aplicação que se lhe dê em Portugal, em face do que acima fica já largamente exposto só podemos advogar a opinião com que abrimos este §; e nela se basearam as referências feitas à biografia dos *Patronos* e à descrição dos *Totens*, no § respectivo deste modesto trabalho.

O 43.º ANIVERSÁRIO DO GRUPO N.º 1

As comemorações deste aniversário prosseguiram durante todo o mês de Abril passado, tendo-se efectuado diversos jogos desportivos e, no dia 17, desfile no qual participaram os grupos n.ºs 1, 5, 10, 13, 53, 79 e 93, num total de 60 escoteiros.

No Domingo, dia 24, no ginásio da Associação Cristã da Mocidade, realizou-se uma sessão solene a que presidiu o Director do nosso jornal, ladeado pelos chefes Mário Fernandes, Fernando de Carvalho, Rui Cunha, João Pereira Soares e Mário de Sousa, dirigente interino do «Um».

Pelo Chefe Administrativo foi lido um relatório das actividades promovidas durante o ano e pelo Chefe interino a Ordem de Serviço respeitante aos actos realizados.

Foram também entregues as taças «Ernesto de Sousa» e «Aquilino Casasnovas», respeitantes aos torneios de voleibol e pingue-pongue, que foram ambas ganhas pelo grupo 53.

Durante esta sessão foi anunciado que o Chefe Ferreira da Silva, que há anos dirigia este grupo e quem tomou a iniciativa de proceder à sua reorganização, havia pedido a demissão do seu cargo por motivos forçosos da sua vida, facto que os actuais dirigentes lamentaram com palavras de camaradagem expressivas de muita simpatia.

A nota alegre da sessão foi a promessa de 4 lobitos que constituem a primeira contribuição para organizar uma Alcateia naquele grupo. Risonhos, e de forma sentida, prestaram promessa os lobitos José e António Belo Redondo, filhos do nosso estimado amigo e ilustre jornalista Belo Redondo, João Manuel Neves Azevedo e José Manuel da Costa Feio, a quem as madrinhas entregaram a sua bóina.

Estiveram presentes representações dos grupos 5, 10, 53, 79, 93 e um representante do 2.

Comemorações do «Dia do Escoteiro»

Grupo N.º 5 — Lisboa

Esta unidade comemorou o Dia de S. Jorge com uma reunião íntima a que assistiram, além dos seus escoteiros, alguns antigos escoteiros e pessoas de família. Referiu-se ao significado do dia o subchefe Celso Rodrigues. A festa terminou com um chá servido a todos os presentes.

Uma nota simpática foi o levantamento entre todos de uma oferta para adquirir uma lembrança a enviar ao escoteiro do Grupo 5, Rui Cardoso, que se encontra na Índia Portuguesa a prestar serviço militar, oferta que rendeu Escudos 320$00. — *C.*

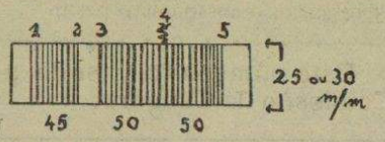
ALGARVE

Os grupos n.ºs 6 de Olhão e 77 de Faro realizaram no Mato do Joinal um acampamento comemorativo desta data. À noite efectuou-se um animado fogo do concelho, durante o qual, além do habitual programa de canções e episódios, foi evocada a data que os escoteiros comemoravam naquele dia em todo o mundo. — *C.*

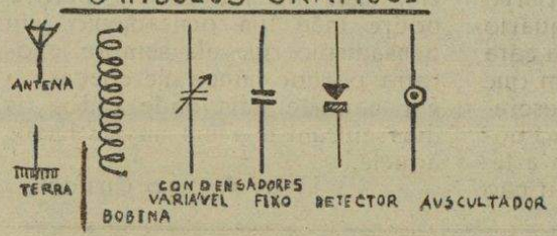
Vamos aprender Rádio!

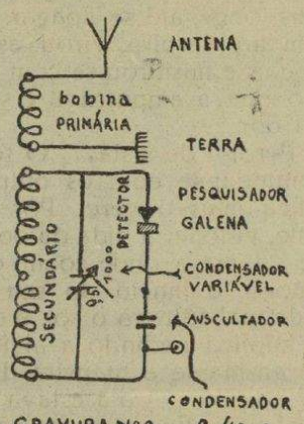
As pequenas construções de rádio podem constituir uma actividade interessante para a oficina da tua Sede e proporcionar-te o direito a que brilhe na manga da camisa da tua farda mais uma honrosa insígnia de aptidão. Pedimos, por isso, a um nosso bom amigo — um antigo-escoteiro dos *velhos tempos* do Grupo 7 — para escrever alguma coisa para o «Sempre Pronto» sobre esta especialidade. Ele imediatamente acedeu e aqui temos o seu primeiro valioso trabalho, a construção de uma galena, com a qual poderás ouvir boas emissões de rádio mesmo na tua tenda nas noites de acampamento.

GRAVURA Nº 1



SÍMBOLOS GRÁFICOS





GRAVURA Nº 2 2/1000

A construção de uma galena

Vamos principiar os nossos trabalhos pela construção de uma Galena, que aconselho por ser de fácil montagem e de custo acessível a qualquer bolsa modesta. Começaremos por adquirir um tubo de baquelite ou cartão com o diâmetro de 1 polegada ou 30 m/m e o comprimento aproximado de 100 m/m. Nesse tubo e a 10 m/m de um de seus extremos enrolaremos 45 espiras de fio de cobre esmaltado de 0,45 de secção. Acabado este, continuamos novo enrolamento com a mesma secção de fio e no mesmo sentido, mas afastado 3 m/m do primeiro, de 2 vezes 50 espiras estabelecendo uma tomada central, conforme desenho n.º 1.

Faremos assim dois enrolamentos cujas entradas e saídas o desenho representa pelos n.ºs 1-2-3-4-5.

Agora mais outro desenho, o n.º 2, a mostrar as ligações dos diversos órgãos do receptor.

A antena liga directamente ao n.º 1, a terra ao n.º 2 deste bobinado primário, ao n.º 3 ligam o pesquisador do detector e lâminas fixas do condensador variável, o n.º 5 liga às lâminas do condensador variável (móveis) e ao borne onde há-de ligar também um dos fios do auscultador, o outro fio do auscultador liga à Galena (taça) do detector e entre os auscultadores coloca-se um condensador fixo de 2/1000.

Para obter audição potente, ligas a antena ao n.º 4 e a terra ao n.º 5; mas para melhor separar as estações no caso destas se sobreporem liga-se então a antena em 1 e terra em 2.

A antena deve ser tão comprida quanto possível, o mais alto que puderes e bem isolada em cada uma das extremidades. Há quem tenha ouvido emissões servindo-se de um colchão de arame.

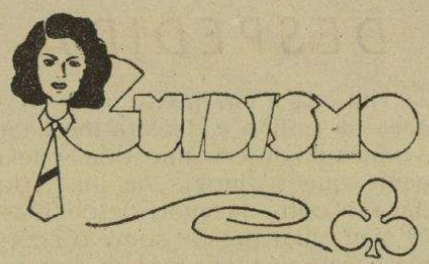
A terra será feita ligando-se o receptor à canalização da água das nossas casas, mas, na falta desta e de melhor, pode-se recorrer espetando-se no solo um ferro até à profundidade de 1 metro e em sítio húmido.

N. B. — O detector de galena poder ser substituído e com vantagem por detectores fixos e que se encontram à venda no comércio da especialidade.

Agora só me resta desejar-vos uma boa caçada.

O TÉCNICO ÁRABE
ANTJULCUN NIOLIONHA

P. S. — Estou sempre pronto para atender qualquer leitor que se me dirija pessoalmente ou por carta a este jornal referindo-se a este ou a outros trabalhos que sejam aqui publicados.



Grupo de Guias «Rainha D. Leonor»

Para comemorar o seu 2.º aniversário, este Grupo realiza na sua sede, no dia 10 do corrente, uma festa íntima e chá de confraternização no qual comparticipam as famílias e padrinhos das guias.

A sr.ª D. Maria Helena Garcia fará uma palestra às Guias.

No Domingo, dia 8, às 11 horas, na Igreja Presbiteriana da Rua de S. Bento as guias assistem a um serviço religioso dedicado ao seu aniversário e ao Grupo de Escoteiros n.º 10.

Dos amigos do "Sempre Pronto"

De Luto — Em 24 de Abril passado, faleceu o sr. Eng.º Rodolfo Leipol, administrador e sócio fundador da Sociedade de Produtos Lácteos, à qual endereçamos o nosso cartão de sentidas condolências.

● Também se encontra de luto o nosso estimado amigo sr. Albano da Silva, escoteiro-chefe geral adjunto, pelo falecimento de sua mãe, sr.ª D. Maria Matilde da Conceição Silva, ocorrido em 24 de Abril passado, acontecimento que muito sentimos, pelo que lhe apresentamos as nossas condolências.



AOS LOBITOS DE PORTUGAL

Uma saudação dos Lobitos de S. Paulo - Brasil

Os Lobinhos de São Paulo, em sua actividade regional de encerramento do ano do 4.º Centenário, lembram-se de seus irmãos Lobinhos de Portugal e enviam a todos a grande saudação.

O Melhor Possível!

Dezembro de 1954

DESPEDIDA

Um cais e um navio... Eu chegara há pouco e deixara-me ficar a um canto observando toda aquela gente que se movia de um lado para o outro fazendo despedidas. O meu olhar passou sobre o enorme barco cinzento repleto de passageiros; um hálito de calor e de aventura passava sobre a muralha enquanto o enorme monstro arfava, cansado da espera. Mesmo sem querer, visionei a proa altaneira cortando as ondas do Oceano e a figura hercúlea do comandante dando ordens à tripulação.

Um cais e um navio... Por muitas vezes nos acontece sonhar partir assim um dia, carregados de malas e ilusões, num barco muito grande e com duas chaminés... Naquele momento, o da despedida, todos dão muitos abraços e beijos, esquecem-se ressentimentos, promete-se com efusão; depois, o navio afasta-se num mar de lenços, parecendo levar algo que era muito nosso e que ele nos roubou...

Um silvo agudo cortou os ares como uma chicotada brusca. As vozes subiram de tom, quem chorava começou a chorar mais ainda... Eu passara ali casualmente e num instante fiquei a conhecer tantos rostos e tantas maneiras de sentir! Havia o homem inculto habituado à enxada e olhando confiante para as próprias mãos, o simples amigo dizendo adeus a alguém, o braço pungente de um pai imensamente só e tantos mais!

Entre todos os que se despediam, uma mulher me impressionou. Trajava humildemente de preto e o seu rosto estava sulcado de rugas. Quantos anos teria ela? Sessenta? Setenta? Quantos? Estava ali para se despedir do filho, rapaz possante, valente, mostrando olhos bem postos no horizonte. A pobre velha abraçou-o pela vez derradeira e nada disse; apenas lágrimas, muitas lágrimas, escorreram-lhe pelo rosto muito velho... Como se um peso se abatesse subitamente sobre os seus ombros franzinos, ela encurvou ainda mais a sua pálida figura de mãe e assim ficou durante muito tempo, acenando para o lenço branco que lhe dizia adeus de longe, cada vez mais longe, até se apagar. Depois, com um suspiro, virou as costas ao cais e misturou-se com a multidão que a empurrava e se ria da sua dor.

Perdi-a de vista... O seu vulto confundiu-se com os outros e eu nunca mais o verei. Por um instante, visionei a vida da pobre mulher, a mesa onde comia o parco almoço, a janela do seu quarto onde mal entrava o sol, a sua cara de súplica pedindo a alguém que lhe ensinasse a maneira de escrever ao filho. O dia estava tão bonito! Quando entrei em casa a telefonia estava aberta e o meu cão saltou-me ao pescoço numa carícia. Nesse instante eu tive para a pobre mãe um pensamento, um pensamento que ela sempre ignoraria porque nunca me chegara a ver naquele cais onde todos os dias entram e saem navios iguais àquele.

JORGE ADOLFO CIERCO



Joaquim da Conceição Dias

Em 16 de Abril passado, faleceu o antigo-escoteiro sr. Joaquim da Conceição Dias, que foi secretário e subchefe do Grupo 79 dos Escoteiros de Portugal, colaborou nas actividades de teatro amador do Grupo n.º 94 e era um bom amigo do nosso jornal. O funeral, com grande acompanhamento, realizou-se no dia seguinte para o cemitério da Ajuda, tendo ali comparecido uma deputação do Grupo 79 e o Director do «Sempre Pronto».

Era casado com a sr.ª D. Maria Adelaide de Castro Lobo Carvalho Dias, cunhado do chefe administrativo do Grupo n.º 79, sr. António Castro Lobo de Carvalho, e tio do chefe do mesmo Grupo, sr. Fernando de Carvalho, e do antigo-escoteiro e nosso dedicado assinante sr. José de Carvalho. A todos estes nossos amigos expressamos o nosso muito pesar.

Este número foi visado pela Comissão de Censura.

Folhetim do "SEMPRE PRONTO„ N.º 13

UMA AVENTURA NA RÚSSIA

POR MARIA E. ROPES • Trad. de *J. S. CANUTO*

A cabana da floresta

—Com este casaco abotoado como está não posso tirar coisa nenhuma das algibeiras das calças.

«Tens aí um canivete, ou umas moedas de cobre, ou qualquer coisa de metal, seja o que for?—perguntou Alfredo, firmando bem as rédeas, e acariciando o hirsuto pescoço do animal, agora coberto de suor.

— Tenho o meu canivete velho, e algumas moedas de três e de cinco «copecks»; serve-te para o que queres?—perguntou Eduardo.

— Enquanto eu seguro a chaleira, vê se podes meter essas coisas lá dentro.

— Não há nada mais fácil, visto que ainda me fica um braço para me segurar a ti. Pronto! Já lá está tudo.

— A tampa ajusta-se bem?

— Ajusta-se perfeitamente. Mas, Alfredo, os lobos estão cada vez mais perto de nós.

— É o mesmo — retorquiu o irmão mais velho.—Eu agora vou fazer parar o Sharik, e tu atas depressa esta extremidade do cordel à asa da chaleira, mas toma bem sentido com os nós que dás.

O cavalo parou, e, arquejante, com a cabeça pendente e a boca cheia de espuma, deu bem a demonstrar o quanto se achava fatigado. Os lobos, que também haviam feito alto, espetaram muito as orelhas, como que interrogativamente, e estenderam as caudas.

— Já acabaste?—perguntou Alfredo.—Dá-me agora o novelo, e segura-te bem a mim, porque vamos pôr-nos novamente a caminho. Não te embaraces com a chaleira; deixa-a cair para o chão, que eu vou desenrolar uma boa porção de cordel, para ela vir atrás de nós aos saltos, fazendo chocalhar o que tem dentro. Pode ser que isso tenha um certo efeito sobre os lobos, e faça com que eles não se atrevam a atacar-nos antes de Sharik ter tempo de nos pôr em lugar seguro.

Aquela boa ideia de Alfredo foi logo posta em prática, e assim que a reluzente chaleira de folha começou a ser arrastada pelo solo, dando de vez em quando um enorme pulo, e fazendo tilintar os objectos que lhe haviam sido introduzidos, os lobos foram deixando maior distância entre eles e os fugitivos.

Dir-se-ia que para eles constituía aquilo uma armadilha misteriosa, de natureza mortífera, e não ousavam passar para diante dela, contentando-se em segui-la a distância, mostrando-se pouco satisfeitos, desesperados mesmo.

Vendo isto, Alfredo não incitou muito o animal, que daí a pouco se animou de novo, galopando com a celeridade anterior.

— Olha!—exclamou Eduardo, apertando o irmão, no seu excitamento.—Que será aquilo?

Alfredo fez parar o cavalo, o que não lhe foi fácil, pois que Sharik ia com um ímpeto espantoso. Os dois rapazes estremeceram ao ouvirem um estrondoso grito de horror, que o vento lhes trouxe. Era o grito de um homem robusto que se encontrava num perigo de morte, e que se repetiu na gelada atmosfera, fazendo com que os jovens se comovessem enormemente compreendendo a horrível verdade.

Posto que pareça estranho, a longa fila dos lobos que vinham em sua perseguição interrompera-se, e aqueles que vinham mais perto dos juvenis cavaleiros tinham mudado de direcção e afastavam-se agora, como se tivessem farejado uma presa mais fácil.

Estavam os rapazes imobilizados, silenciosamente à escuta, quando se ouviram duas detonações, seguidas dum sinistro uivar e rosnar. Após uma pausa, soou nova detonação, mais bramidos, e um derradeiro e desesperado brado de socorro, que ninguém podia prestar.

Os olhares dos dois mancebos encontraram-se, e o mesmo pensamento acudiu a ambos.

— Sim — disse Alfredo, em voz surda, velada pela comoção. —Tenho a certeza de que é Gavril, o Cicatriz-Vermelha. Veio em nossa procura nos seus sapatos de neve, mas Deus não permitiu que nos alcançasse. O Eduardo, recordas-te do que o papá leu quando nos reunimos para a oração numa destas manhãs? Desde a nossa partida hoje tem-se-me conservado na mente parte dum versículo. O inimigo disse: «Persegui-los-ei», mas esse inimigo não alcançou os Israelitas, assim como o nosso não nos alcançou a nós. E agora, Sharik, transporta-nos depressa para a floresta.

(*Continua*)